

DATA LUTA



BOLETIM DATA LUTA

Uma publicação do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA.
Presidente Prudente, junho de 2010, número 30. ISSN 2177-4463.

www.fct.unesp.br/nera

ARTIGO DATA LUTA

A pesquisa no encontro da violência: agronegócio e morte no Estado do Ceará?

ARTIGO DO MÊS

Na sombra da imaginação (2): a recomponção no Brasil.

www.fct.unesp.br/nera/artigodomes.php

EVENTOS

XVI ENG – Encontro Nacional de Geógrafos

Porto Alegre, 25 a 31 de julho de 2010

III Seminário sobre Educação Superior e as Políticas para o Desenvolvimento do Campo Brasileiro e I Encontro Internacional de Educação do Campo

Brasília, 04 a 06 de agosto de 2010

XI Semana de Geografia e VI Encontro dos Estudantes de Licenciatura em Geografia

Presidente Prudente – São Paulo, 16 a 20 de agosto de 2010

XX ENGA – Encontro Nacional de Geografia Agrária

Francisco Beltrão – Paraná, 25 a 29 de outubro de 2010

PUBLICAÇÃO

Geografia agrária, território e desenvolvimento.

Autores:

Marcos Aurélio Saquet e Roseli Alves dos Santos.

A obra Geografia agrária, território e desenvolvimento revela dois aspectos fundamentais: i) resultados de pesquisas feitas no âmbito deste grupo de estudos sobre modernização da agricultura, agricultura familiar e agroecologia numa perspectiva de abordagem territorial; ii) resultados de estudos feitos por outros pesquisadores de temas da geografia agrária inerentes à problemática do desenvolvimento no espaço agrário brasileiro e na América Latina.



APOIO 

Elaborado por Rubens dos Santos Romão Souza e Danilo Valentin Pereira. Pesquisadores do NERA – Bolsistas Ciência na UNESP.
Coordenação: Francilane Eulália de Souza

Leia outros números do BOLETIM DATA LUTA em www.fct.unesp.br/nera

A pesquisa no encontro da violência: agronegócio e morte no Estado do Ceará

Juscelino Eudâmidas Bezerra

Geógrafo

juscelinob@yahoo.com.br

Diante de mais uma morte na região do Baixo Jaguaribe, Estado do Ceará ficamos perplexos em perceber como a violência no campo chega até nós pesquisadores como um dado concreto, prático, nocivo e amargo. Tal fato fere os limites da reflexão e alimenta a necessidade de buscarmos uma “nova” proposta de intervenção política frente ao avanço dos conflitos sociais e a fragilidade dos trabalhadores e movimentos sociais envolvidos na linha de frente em oposição ao modelo do agronegócio. A morte de Zé Maria na comunidade do Tomé, município de Limoeiro do Norte, traz novamente a discussão sobre a violência propiciada pela expansão do agronegócio. Quando atestamos que em nossa “breve” experiência de pesquisa no Baixo Jaguaribe, o assassinato de Zé Maria configura-se como o terceiro caso de morte entre pessoas com quem tivemos a oportunidade de dividir momentos de indignação, reflexão e aprendizagem, nos damos conta do desafio e da importância de mantermos a luta e a esperança diante da necessidade urgente em propor outro modelo de sociedade.

Como parte das atividades da pesquisa de Doutorado em Geografia desenvolvida na Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente visitamos em 2009 os principais empreendimentos hídricos no Nordeste. Conhecemos as obras de integração das bacias hidrográficas do Nordeste Setentrional, mais conhecida como a obra de transposição do Rio São Francisco em Pernambuco, a construção do açude Figueiredo no Ceará, as obras para construção da segunda etapa do Projeto de Irrigação Tabuleiro de Russas e, ainda no Baixo Jaguaribe, o Perímetro Irrigado Jaguaribe Apodi localizado na Chapada do Apodi.

Neste último conhecemos Zé Maria, líder comunitário do distrito de Tomé que nos concedeu um importante depoimento sobre a expropriação dos antigos moradores, a invasão por parte das empresas de lotes do perímetro irrigado público do DNCOS e a contaminação das águas que servem à comunidade devido à utilização indiscriminada de agrotóxicos por empresas e produtores do perímetro. Outro problema denunciado incisivamente por Zé Maria na ocasião de nossa visita foi a contaminação dos moradores de Tomé em virtude do contato com o veneno utilizado na pulverização aérea dos cultivos produzidos na Chapada do Apodi.

A gravidade das denúncias protagonizadas por Zé Maria e sua articulação política com os movimentos sociais da região, fez do líder comunitário o centro das atenções com relação aos conflitos existentes na região. As ameaças recebidas por Zé Maria não sensibilizaram as autoridades, mesmo tendo em conta o verdadeiro barril de pólvora em que se transformou a Chapada do Apodi. Esta região ocupa grande destaque no cenário do agronegócio da fruticultura no Estado do Ceará. Como corolário, temos observado sucessivos casos que evidenciam a contaminação por agrotóxicos, os conflitos fundiários, as reclamações trabalhistas que desencadearam a primeira greve de trabalhadores rurais assalariados na região e a presença,

sempre conflituosa, de grupos nacionais e multinacionais interessados pela paradoxal oferta de água, recursos creditícios, solos de qualidade e mão-de-obra acessível e precarizada.

A síntese de todas estas ações e a luta pertinente em favor dos pequenos foram elementos decisivos para que Zé Maria adentrasse às estatísticas de assassinato no campo quando foi morto com mais de 18 tiros no último dia 21 de Abril de 2010 na mesma comunidade onde construiu toda sua história de luta. Os assassinos ainda não foram identificados. Esse é mais um trabalhador cuja morte é associada diretamente aos conflitos existentes entre trabalhadores rurais e os representantes do agronegócio que abusam da violência e da impunidade.

Nosso mais recente encontro com a morte soma-se a mais um caso vivenciado quando do desenvolvimento de nossa dissertação de mestrado quando tivemos oportunidade de entrevistar Jose Valderi, trabalhador morto pela contaminação de agrotóxicos também no município de Limoeiro do Norte.

As pesquisas que desenvolvemos evidenciam a vivacidade da antiga prática da pistolagem agenciada pelo capital do agronegócio. A morte de Zé Maria mostra que as frutas produzidas na Chapada do Apodi nunca tiveram tanto o sabor de sangue como agora. Mediante esse contexto perguntamos: quantas mortes de trabalhadores serão necessárias para que possamos colocar fim ao modelo destrutivo do agronegócio? Sabemos que fatos como estes fortalecem as ações dos trabalhadores e dos movimentos sociais. Todavia, assusta a dimensão do medo e do temor que todos nós sentimos ao se defrontar com a dura realidade da violência no campo, principalmente para os que convivem diretamente com o cotidiano dos conflitos sociais desencadeados pelo agronegócio. Porém, é preciso romper o silêncio e afirmar que a vida continua e que a luta não pode esmorecer.